A POLIFONIA E O DISCURSO PATÊMICO EM DEUS AJUDE ESSA CRIANÇA, DE TONI MORRISON

Mylena Berguerand Rocha (UERJ)[1]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar como a polifonia e o discurso patêmico na obra *Deus ajude essa criança* (2018), da autora Toni Morrison, favorecem a abordagem do efeitos traumáticos do racismo e do colorismo. Os estudos das emoções será abordado com foco no discurso persuasivo e o suporte das teorias de Plantin (2018), Miranda (2010) e Lima (2011) a partir do conceito de persuasão abordado por Aristóteles. O dialogismo e a polifonia serão examinados na ótica de Bakhtin trazida por Marcuzzo (2008), Brait (2003) e Bezerra (2003).

Palavras-chave: Trauma. discurso persuasivo. dialogismo. racismo. colorismo.

Abstract: This paper aims to present how polyphony and pathemic discourse in Toni Morrison's work *God Help This Child* (2018) support the traumatic effects of racism and colorism. The study of emotions will be addressed, focusing on persuasive discourse and supported by the theories of Plantin (2018), Miranda (2010), and Lima (2011), based on Aristotle's concept of persuasion. Dialogism and polyphony will be examined from Bakhtin's perspective, as brought to light by Marcuzzo (2008), Brait (2003), and Bezerra (2003).

Keywords: Trauma. persuasive speech. dialogism. racism. colorism.

1. Introdução

A literatura tem sido um importante instrumento de luta contra o racismo e, dentre os muitos autores cujas obras abordam o tema, Toni Morrison é, indubitavelmente, um dos expoentes. *Deus ajude essa criança,* publicado em 2018 no Brasil, foi o último romance da autora e traz à baila questões que estão muito presentes no mundo contemporâneo, como o colorismo, o racismo, e a violência contra a mulher.

No final do século XX, entre as décadas de 1980 e 1990, alguns autores trouxeram à baila a temática da escravidão em sua relação com o racismo e, consequentemente, seu impacto sobre a identidade negra. Toni Morrison foi a segunda de quatro filhos, filha de um operário e de uma dona de casa, e cresceu enfrentando muitas dificuldades econômicas. Seu pai tinha o hábito de narrar histórias da comunidade negra, que mais tarde exerceriam grande influência em sua carreira como escritora. Dessa forma, é possível notar a forma que a autora retrata problemas como o racismo presente nos Estados Unidos (Jensen, 2021). A romancista, ao longo de sua carreira, continuou escrevendo sobre a marginalização social dos negros, considerado como um "outro" (Bonnici, 2003) pelos detentores de um olhar hegemônico.

1 Mestranda de Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. E-mail: mylenaberguerand22@gmail.com

Toni Morrison, em 1993, após o sucesso de seus romances, recebe o prêmio Nobel de Literatura. Uma das obras responsáveis por esse sucesso é *O Olho Mais Azul*, publicado no Brasil em 2019, em que Morrison exibe abertamente o racismo ainda presente nos Estados Unidos, bem como o padrão de beleza branco afeta a percepção que o negro tem de si. Além disso, sendo uma das autoras afro-americanas mais influentes, Morrison, em suas obras, demonstra que tanto a raça quanto o gênero possuem um enorme impacto nas mulheres afro-americanas.

A história da protagonista é marcada não apenas pela cor da pele, mas também pelo seu gênero e sua classe social, ou seja, três importantes marcadores da diferença. Lula Ann passa boa parte de sua vida tentando angariar o amor da mãe, que, tendo nascido com a pele clara, não consegue amar a filha negra que gerou, além de culpá-la de ser a causadora de suas dificuldades econômicas. A trajetória da personagem é, portanto, marcada por lutas intensas, com o meio e consigo mesma, até atingir a autoaceitação.

No romance *Deus ajude essa criança,* o racismo e o colorismo estão interligados e estão na base da rejeição sofrida pela protagonista. A mãe de Lula Ann, que desde cedo ensina a filha a tratá-la pelo apelido de "Mel", assume a voz narrativa em capítulos que visam a convencer o narratário da pertinência de todos os atos de violência que impetrou à filha. Ao promover um embate de relatos entre mãe, filha, um narrador extradiegético e outros narradores, o romance enseja reflexões sobre o efeito das violências.

Neste artigo, em um primeiro momento, o estudo das emoções será analisado a partir da teoria usada pelo filósofo Aristóteles em seu trabalho *Retórica*. Além disso, as teorias do dialogismo e polifonia serão discutidas a partir das pesquisas do teórico Bakhtin. Por último, as personagens Bride e Mel, filha e mãe, terão seus relatos analisados, assim como a violência e o racismo que afetaram suas vivências.

2. Estudo das emoções

O filósofo Aristóteles associa a arte com a retórica propondo uma teoria da argumentação persuasiva em seu trabalho *Retórica*. Neste trabalho, segundo Miranda (2010), o teórico apresenta três tipos de persuasão oferecido pelo discurso: *logos*, *ethos*, *pathos*. O primeiro refere-se à forma como o discurso se apresenta; o segundo refere-se à característica de quem fala; o terceiro refere-se ao modo como o interlocutor se dispõe. O *logos* será analisado mais de perto, ao ser aquele que dialoga diretamente com o estudo das emoções.

Morato (2014) relata que, no *pathos*, o emissor provoca uma aceitação de seu discurso frente a uma ideia que ocorre devido às emoções utilizadas por este emissor, este efeito é

chamado de patêmico. Por esta razão, os estudos das emoções e seus efeitos não podem ser desassociados do *logos*, e, por consequência, do *ethos*, já que estes efeitos só ocorrem graças à influência da imagem que o emissor expõe.

Mesmo que o *logos* tenha o enfoque no discurso do emissor, nele também é possível encontrar uma formação a partir do *ethos* e do *pathos*. Além disso, é por meio do *logos* que a interação entre o locutor e o receptor, a administração dos processos argumentativos, a dedução de sentidos e de efeitos patêmicos são possíveis, afirma Morato (2014, p. 2).

Entretanto, também faz-se necessário compreender os sentidos de persuadir e convencer, uma vez que, na retórica, ambos os termos servem como base. O termo convencer sugere que o emissor conseguiu 'vencer' uma discussão com seu interlocutor, isto é, o receptor foi vencido, convencido de uma ideia. O termo persuadir, segundo Marcos Lima (2011) em sua obra sobre a retórica de Aristóteles, vem de *persuadere* que significa orientar alguém até que o interlocutor esteja de acordo em fazer o que foi dito. Assim, para, de fato, o interlocutor executar uma tarefa solicitada, é preciso que o emissor utilize a arte da persuasão através de emoções, enquanto para o convencimento ocorrer, somente o argumento lógico é utilizado.

Sobre os vocábulos, Plantin (2011) corrobora que

> Em latim, o verbo "suadere" significa "aconselhar"; o adjetivo correspondente, "suadus", significa "convidativo, insinuante, persuasivo". "Persuadere" é formado de suadere e do prefixo aspectual "per-" que indica a conclusão do processo. "Convincere" é composto de "con- (cum-) + vincere", ou seja, "vencer perfeitamente". O prefixo "cum-" tem, nessa palavra, o sentido de uma realização, como "per-" de "persuadir". "Convencer" tem por primeiro sentido "confundir um adversário" e o mesmo sentido se encontra na expressão francesa "convaincre x demensonge" [convencer x de mentira], em que convencer é seguido de um objeto direto que designa um ser humano x e de um grupo nominal "de + substantivo" que designa algo como condenável, do qual x se defende, em vão, de ter cometido. (Plantin, 2011, p. 257-258)

Alguns autores declaram que existem alguns discursos que possuem um caráter persuasivo, enquanto outros não. Entretanto, Lima (2011) afirma que o ato de persuadir depende de vários fatores como: o funcionamento das relações entre os interlocutores, e a capacidade do emissor de saber escolher o gênero e o estilo adequados a cada situação.

Miranda (2010) explica que Aristóteles focaliza três características de um emissor persuasivo: a prudência, a virtude, a benevolência. A primeira refere-se a intelectualidade e razão; a segunda refere-se a uma prudência em relação às decisões práticas e a abrangência moral em que é conduzida; A terceira refere-se à atitude do emissor frente seus ouvintes. Estas características encontram-se relacionadas às emoções e seus estudos. Por isso, no estudo das

emoções, o emissor deve conseguir mudar a sua fala conforme as emoções de seus ouvintes, como as paixões, os hábitos, a idade, a fortuna.

Assim sendo, no processo de argumentação, segundo os autores Silva, Lins e Moura (2019):

> Os envolvidos compartilham conhecimentos que estão intrinsecamente relacionados com os aspectos sociais, havendo assim, intenções que partem do orador ao propor uma tese, influenciando os interlocutores com argumentos ou estratégias argumentativas que intentam persuadir ou convencer o auditório, destacando principalmente, a reportagem, fonte desta investigação. (Da Silva; De Oliveira; De Moura, 2019, p. 269)

Por esta razão, pode-se dizer que a língua e a emoção estão interligadas, pois, de acordo com Gaio (2017, p. 48), a língua materna está profundamente ligada ao sentimento mais íntimo do falante. Assim, de acordo com Gaio (2017), sabemos, de fato, o momento em que alguém está com raiva ou feliz quando a pessoa recorre a vocábulos relacionados a emoções. Neste sentido, segundo o autor:

> A gramática, o modo de se construir uma oração ou um período, a prosódia, as interjeições, os xingamentos, as formas de se dirigir a alguém, a linguagem corporal, a linguagem multimodal, enfim, nos oferece boas pistas para rastrear as emoções manifestadas pelos indivíduos. E queremos chamar particular atenção para os xingamentos, que costumam vir do âmago do indivíduo. (Gaio, 2017, p. 49).

Por fim, através de diversas teorias, é possível notar a ligação entre a língua e a emoção, assim como a capacidade de persuasão contida nos discursos, pois a língua é fortemente associada ao sentimento de um falante. A seguir as teorias do dialogismo e polifonia serão, brevemente, discutidas.

3. Dialogismo e polifonia

A compreensão dos conceitos de dialogismo e polifonia são de suma importância para o entendimento das vozes narrativas presentes no romance *Deus ajude essa criança*. Estas teorias, às vezes tratadas como sinônimos, são abordadas por Bakhtin na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. O dialogismo para Bakhtin, segundo Marcuzzo (2018, p. 3), é entendido como uma condição do sentido do discurso, e, por isso, o discurso é coletivo, já que ele é construído por, pelo menos, um produtor e receptor.

O dialogismo pode ser encontrado em diversos gêneros, como a escrita acadêmica, por exemplo, mas, neste trabalho, o enfoque será no gênero narrativo. Além disso, partindo do princípio que o dialogismo tem como base a interação verbal, para Bakhtin, um interlocutor é o

foco de toda prática de linguagem. Assim, toda escrita e fala não são produzidas em vão, mas, sim, para um interlocutor, de forma que uma interação entre locutores é a base da construção de um sentido. (Araújo, 2003, p. 82). Da mesma forma, o dialogismo também pode ser relacionado à concepção de estilo do texto, pois estilo implica "qualquer interação, em qualquer atividade de linguagem e não apenas na atividade literária" (Brait, 2003, p. 140), a qual é a base da teoria bakhtiniana.

Cláudio Bezerra (2003) corrobora a perspectiva do dialogismo bakhtiniano em seu trabalho quando exprime:

> No campo específico da literatura o dialogismo diz respeito à relação entre o texto e os seus outros, entre o dito e o não-dito, o que está no contexto social onde o texto se inscreve, porque todo enunciado só existe em relação a muitos outros enunciados, sendo mesmo essa interação diálogica que produz o sentido. Numa perspectiva mais ampla o dialogismo bakhtiniano, [...] se refere às possibilidades abertas e infinitas das práticas discursivas e está na gênese de todos os enunciados da comunicação humana ou de qualquer produção cultural, seja letrada ou analfabeta, verbal ou não-verbal, elitista, massiva ou popular. (Bezerra, 2003, p. 122)

Assim como o dialogismo, a polifonia exibe os diversos discursos de personagens em textos. Segundo Ceres Bevilaqua (2003),

> A polifonia faz com que a narrativa se volte para a coletividade, ou seja, não é apenas a voz de um indivíduo em monólogo ou diálogo. São várias vozes, a voz da coletividade, várias consciências que se impõem à medida que lhes é oportunizado o direito de expor suas ideias dentro de um processo narrativo. Esse recurso técnico [...] possibilita a uma multiplicidade de personagens terem o acesso à voz narrativa; é a literatura que se volta para o coletivo, deixando de dar aquele enfoque psicológico e minucioso à personagem principal. (Bevilaqua, 2003, p. 117)

Desta maneira, tanto a teoria da polifonia quanto a teoria do dialogismo, que a princípio podem ser compreendidas da mesma forma, funcionam de formas distintas, já que o dialogismo trabalha de maneira coletiva o modo que o sentido é produzido. A polifonia, da mesma forma, destaca as diversas vozes presentes em um discurso e como as ideias dentro desse discurso influenciam os interlocutores. A seguir a obra *Deus ajude essa criança* será analisada a partir de um olhar persuasivo com enfoque nas personagens Mel e Bride.

4. A arte de persuadir em *Deus ajude essa criança*

Deus ajude essa criança trata da rejeição de uma criança, Lula Ann, pela própria mãe, Mel, devido à cor da sua pele ser mais escura que a dos seus pais. Embora o tema possa causar estranheza, conforme Beth Brait (2003) nos faz lembrar:

> Tudo cabe no conto e no romance, no sentido de que o autor vai buscar no ambiente extraliterário, nos inúmeros discursos produzidos no dia-a-dia, o que pode variar do científico ao coloquial, do histórico ao artístico, a matéria prima para sua obra. É importante compreender que não se trata unicamente de trabalhar com registros lingüísticos específicos, mas de representar, de simular as identidades e as visões de mundo que esses registros implicam. (Brait, 2003, p. 141-142)

Assim, Morrison traz para o âmbito da ficção situações que ocorrem no mundo empírico, como o efeito do trauma em uma criança, o fenômeno do "*passing*", ou seja, o desejo de membros de famílias negras que nasceram com a pele mais clara de se passarem por brancos, e, consequentemente, o colorismo, que leva à rejeição daqueles que têm pele mais escura.

O romance *Deus ajude essa criança* possui somente 17 capítulos, divididos em quatro partes. A narração da obra é dividida entre seis personagens, mas, neste trabalho, o foco será somente em duas narradoras. E, somente 3 destes capítulos são narrados por Mel, porém dentre eles estão os capítulos mais importantes: o primeiro, que estabelece o narratário na narrativa, já que é possível compreender os primeiros sentimentos de Mel, e o último, que traz um desfecho à obra. A personagem Bride narra sete capítulos na obra, nos quais a personagem exibe uma voz narrativa contrastiva em relação aos capítulos de sua mãe.

Por esta razão, no romance, é possível perceber a polifonia, pois há diferentes vozes, e, principalmente, pelo motivo do ponto de vista das personagens divergirem entre si. É relevante lembrar que, conforme mostra a passagem a seguir,

> Bakhtin used the terms *polyphonous* and *multivocal* to describe text in which multiple voices can be discerned. Polyphony is one way, therefore, in which single utterances can be viewed and analyzed as dialogic. All utterances are dialogical because every utterance has (a) *responsivity*, that is, an utterance is a response to a situation or to somebody else's utterance and (b) *addressivity*, in other words, an utterance is addressed to somebody who has to do something with it. In other words, spoken and written language acquires meaning only through social usage. Meaning in a text does not stand on its own out of context and is not unaffected by the people who use it, rather it is socially constructed. (Zayed; Maseeh, 2016, p. 35).[2]

Alguns capítulos da obra vão se alternando entre Bride, Mel, Booker – namorado de Bride, Brooklyn – amiga de Bride, Sofia – a mulher que Bride ajudou a colocar na prisão, e Rain – uma menininha que Bride conhece quando vai em busca de Booker. Cada capítulo narrado por estes distintos personagens tem sua importância na obra, já que, através deles, é possível

2 Tradução nossa: "Bakhtin usou os termos polifônico e multivocal para descrever textos nos quais múltiplas vozes podem ser discernidas. A polifonia é, portanto, uma maneira pela qual enunciados individuais podem ser vistos e analisados como dialógicos. Todos os enunciados são dialógicos porque cada enunciado tem (a) responsividade, isto é, um enunciado é uma resposta a uma situação ou ao enunciado de outra pessoa e (b) endereçamento, em outras palavras, um enunciado é endereçado a alguém que tem que fazer algo com ele. Em outras palavras, a linguagem falada e escrita adquire significado apenas por meio do uso social. O significado em um texto não se sustenta por si só fora de contexto e não é imune às pessoas que o usam; em vez disso, é socialmente construído."

compreender as diferentes perspectivas. Entretanto, a parte três da obra é narrada somente por um narrador extradiegético. Assim, a teoria da polifonia, termo cunhado por Bakhtin, está presente na obra pois: "na polifonia, a recuperação do coletivo se faz via linguagem em que o outro é uma presença constante visto ser a linguagem uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica." (Fanini; De Cristo; Das Américas, 2003, p. 256-257).

Logo no início da primeira parte, no primeiro capítulo, Mel tenta convencer o leitor mostrando sua versão do enredo com sua filha Bride. Nessa parte, ela começa sua narrativa em primeira pessoa defendendo-se: "Não é culpa minha. Então não podem me censurar. Eu não fiz nada e não faço ideia de como aconteceu" (Morrison, 2018, p. 5), como se o fato de ter renegado sua filha devido à cor da sua pele não tivesse importância. Um pouco mais a frente, mas ainda no mesmo capítulo, após explicitar o quanto ela odiava ter uma filha recém-nascida preta, Mel continua: "Alguns de vocês podem achar que é uma coisa ruim a gente se agrupar de acordo com a cor da pele" (Morrison, 2018, p. 5). Nessas duas passagens, é possível notar a tentativa de persuasão adotada por Mel para convencer o leitor de que suas ações são justificáveis.

Segundo Perelmam (2004, p. 58),

> Para quem se preocupa sobretudo com o resultado, persuadir é mais do que convencer: a persuasão acrescentaria à convicção a força necessária que é a única que conduzirá à ação. [...] Diz-nos-ão que convencer é apenas a primeira fase – o essencial é persuadir, ou seja, abalar a alma para que o ouvinte aja em conformidade com a convicção que lhe foi comunicada. (*apud* Lima, 2011, p. 30)

No final do primeiro capítulo narrado por Mel, há um reforço de sua inocência na forma como tratou sua filha Lula Ann, durante seu crescimento: "[...] A cor dela é uma cruz que ela vai carregar para sempre. Mas não é minha culpa. Não é minha culpa. Não é minha culpa. Não é." (Morrison, 2018, p. 7) Isto é, existe novamente a mesma tentativa de persuasão presente no início do capítulo, na qual a mãe de Bride reforça não ter culpa no fato de sua filha ter nascido mais escura que ela.

Além disso, no último capítulo, no qual é narrado por Mel, a personagem evidencia que tudo o que fez foi de um "jeito bem-intencionado e, de fato, necessário" (Morrison, 2018, p. 153) a forma como criou sua filha, mas, ao mesmo tempo, a mãe de Bride reconhece que ultrapassou alguns limites: "É, eu era dura com ela. Sei que eu era." (Morrison, 2018, p. 153).

Enquanto no discurso de Mel é possível notar a tentativa de persuasão, Bride exibe somente informações. No capítulo subsequente, Bride começa sua narração em primeira pessoa demonstrando sua dor que, até então, ela não conseguia identificar a origem: "Estou com medo.

Está acontecendo uma coisa ruim comigo. Sinto que estou derretendo. Não sei explicar [...]"(Morrison, 2018, p. 10).

Lima (2011) explica como um discurso pode ser persuasivo ou não quando afirma que

> Tal faculdade pode descobrir que um discurso passado, que fora considerado pouco persuasivo por determinado auditório, ou mesmo destituído de persuasão – o que seria um suposto estado puro de informação -, ao ser repetido em outro momento e em outro contexto, pode resultar em um grau significativo de persuasão, identificado como tal pelas mesmas pessoas que compuseram o auditório de antes. O contrário também é possível, um discurso que já surtiu efeito persuasivo diante de um auditório não mais produzir persuasão frente ao mesmo grupo de ouvintes (ou outro grupo). (Lima, 2011, p. 28)

Em *Deus ajude essa criança*, o dialogismo entre as personagens Mel e Bride acontece por consequência do racismo, já que, apesar de terem lidado de diferentes formas com seus traumas, ambas sofreram o racismo. Logo no início dos capítulos de ambas as personagens, é possível notar como as personagens começam a lidar com seus traumas:

Primeiramente na perspectiva de Mel:

> Não levou mais de uma hora depois que tiraram a criança do meio das minhas pernas pra perceberem que tinha alguma coisa errada. Muito errada. Ela era tão preta que me assustou. Preto meia-noite, preto Sudão. Eu tenho a pele clara, o cabelo bom, o que chamam de pele oliva, e o pai da Lula Ann também. (Morrison, 2018, p. 5).

Na perspectiva de Bride:

> Estou com medo. Está acontecendo uma coisa ruim comigo. Sinto que estou derretendo. Não sei explicar, mas sei bem quando começou. Começou quando ele disse: – Você não é a mulher que eu quero.
>
> – Nem eu
>
> Ainda não entendi por que eu disse aquilo. Simplesmente saiu da minha boca. (Morrison, 2018, p. 10)

Logo compreendemos que o desprezo de Mel por sua filha, Lula Ann, é um reflexo da atitude da sua avó, pois ela "nunca trocou nem uma palavra com filho nenhum. Qualquer carta que recebia de minha mãe ou das minhas tias ela devolvia sem abrir" (Morrison, 2018, p. 5). Porém, a mãe de Mel, Lula Mae, indo contra as percepções de sua genitora, prefere não "passar fácil" (Morrison, 2018, p. 5), e com isso, sofreu consequências como, em seu casamento, ter que "pôr a mão na [bíblia] que era reservada pra negro." (Morrison, 2018, p. 5), ou "pagar cinco centavos por um saco de papel que é grátis para comprador branco." (Morrison, 2018, p. 5)

Mel perpetua o racismo presente desde a era colonial quando despreza a cor de sua filha e a compara com um animal devido ao tom de sua pele: “dar de mamar pra ela era como botar uma macaquinha chupando minha teta. Passei pra mamadeira assim que cheguei em casa” (Morrison, 2018, p. 5). A teórica Audre Lorde destaca que o racismo é “a crença na superioridade inata de uma raça sobre todas as outras e, assim, o direito à predominância.” (Lorde et al., 2019, p. 257). Assim, Mel, através de ações e falas, reproduz em sua filha, o que sua avó reproduzia em sua mãe, ou seja, a rejeição por sua filha, já que não a vê como uma igual a ela. E, juntando-se a isso, existe uma identificação com um opressor, a branquitude, que, como não as reconhecem nem as identificam como tal, os privilégios da brancura não são condicionados a elas. Da mesma forma, existe a recusa de ver-se como uma pessoa negra em uma sociedade supremacista branca, de modo que o branco era o padrão que estas personagens queriam alcançar, para que não fossem discriminadas na sociedade americana, como foi a mãe de Mel, Lula Mae.

Nos capítulos em que Mel narra os acontecimentos de sua vida, ela defende a violência contra Bride como um meio de protegê-la: “[...] às vezes me sinto mal por causa do jeito que eu tratava a Lula Ann quando era pequena. Mas você tem que entender: eu tinha que proteger a minha filha”. Em seu ponto de vista estava preparando Bride para a vida:

> [...] se eu não tivesse treinado direito a Lula Ann, ela não ia saber que devia sempre atravessar a rua e evitar os meninos brancos. Mas a lições que eu dei compensaram, porque ela acabou me deixando mais orgulhosa que um pavão. (Morrison, 2018, p. 35, grifo nosso)

Por fim, as violências e opressões vividas tanto por Mel quanto por Bride transformam a maneira como ambas as personagens são vistas e reconhecidas socialmente, o que resulta em uma complicada autoaceitação, que funciona como o dialogismo entre as duas. Este dialogismo ocorre, no início da narrativa, devido ao racismo enfrentado pelas personagens, o que faz a autoaceitação ser algo distante para mãe e filha. Assim, foi possível observar que Toni Morrison, em suas obras, e, principalmente, em *Deus ajude essa criança*, exibe detalhadamente discussões sobre racismo, violência e como estas esferas não são simbólicas, mas “delimitam as fronteiras do poder” (Morrison, 2019, p.8).

Considerações finais

Neste trabalho, foram investigadas as formas como os discursos das personagens da obra *Deus ajude essa criança,* Mel e Bride, de maneira contrastiva, exibiram suas perspectivas. Assim, as teorias da polifonia e dialogismo, cunhadas por Bakhtin, foram essenciais para

demonstrar as diferentes óticas de Mel e Bride. Da mesma forma, foi possível perceber o discurso persuasivo presente nas falas da mãe de Bride, Mel, em sua tentativa de induzir o leitor à conveniência de suas atitudes em relação à sua filha, Bride.

Assim, Toni Morrison, através de sua obra, conseguiu discutir, a partir de diversas óticas, as conjecturas do racismo no seio familiar. Através de Bride, uma personagem rejeitada por sua mãe desde o nascimento, e Mel, uma personagem que tenta de todas as formas embranquecer a família, a autora exibe como o feminismo negro confronta os padrões seguidos por uma sociedade eurocêntrica.

Referências

ARAÚJO, Antonia Dilamar. **Dialogismo e interação no texto acadêmico: investigando estratégias discursivas**. In: Curitiba: XI International Bakhtin Conference. 2003. p. 81-88.

BEVILAQUA, Ceres Helena Ziegler; JARDIM, Rua Silva. **A polifonia e o dialogismo em "Perdidos e Achados".** In: XI International Bakhtin Conference Curitiba, Brasil. p. 114-118, 2003.

BEZERRA, Cláudio. **Bakhtin e a estética audiovisual contemporânea.** In: XI International Bakhtin Conference Curitiba, Brasil, 2003, p. 119-125.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialistas**. In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. pp. 257. 284.

BRAIT, Beth. **Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade**. In: XI Conferência Internacional sobre Bakhtin. Curitiba. 2003. p. 138-144.

DA SILVA, Francisco Herbert; DE OLIVEIRA LINS, Demócrito; DE MOURA, João Benvindo. **Patemização como Recurso de Persuasão em Reportagem Publicada na Folha de São Paulo Referente à Professora Heley: The" emotion in discourse" as a persuasion resource in a publishment published in folha de são paulo about the teacher Heley.** Cadernos Cajuína, v. 4, n. 1, p. 265-281, 2019.

FANINI, Angela Maria Rubel; DE CRISTO, Frei Fabiano; DAS AMÉRICAS, Jardim. **O romance-folhetim de Aluísio Azevedo sob a perspectiva bakhtiniana.** In: XI International Bakhtin Conference Curitiba, Brasil. 2003, p. 256-260.

GAIO, Mario Luis Monachesi. **As emoções e a transmissão linguística intergeracional: um estudo de caso.** Working Papers em Linguística, v. 18, n. 1, p. 46-61, 2017.

JENSEN, Nanna. **"No funk"-shame, violence and the black body: An investigation of Toni Morrison's The Bluest Eye and God Help the Child.** Dissertação de Mestrado. UiT Norges

arktiske universitet, 2021. Disponível em: <https://munin.uit.no/bitstream/handle/10037/22542/thesis.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em: 2 agosto 2025.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia**. Natal: IFRN, 2011.

LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

MARCUZZO, Patrícia. **Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin**. Cadernos do IL, n. 36, p. 2-10, 2008.

MIRANDA, Maíra Avelar. **Um panorama sobre o estudo das emoções: convergências e especificidades entre a Análise do Discurso e outras áreas do conhecimento.** Fórum Linguístico, v. 7, n. 1, p. 88-102, 2010.

MORATO, Elisson Ferreira. **Argumentação e emoções: A construção do logos pathêmico nos discursos literário e jurídico**. Revista Recorte, v. 11, n. 1, 2014.

MORRISON, Toni. **Deus Ajude Essa Criança**. Trad. José Rubens Siqueira. 1a. ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura.** Companhia das letras, 2019.

PLANTIN, Christian. **"Não se trata de convencer, mas de conviver": a era pós-persuasão**. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, p. 244-269, 2018.

ZAYED, Jihan; MASEEH, Shaista. **Polyphony of Toni Morrison's God Help the Child**. Global journal of arts, humanities and social sciences, v. 4, n. 4, p. 34-41, 2016.